

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE VETERINÁRIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO EM MEDICINA VETERINÁRIA**

**FATORES COMPORTAMENTAIS RELACIONADOS A CONSULTAS CLÍNICAS E
HOSPITALIZAÇÃO DE GATOS**

Mariana Mancuso Da Costa

Porto Alegre

2019/1

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE VETERINÁRIA**

**FATORES COMPORTAMENTAIS RELACIONADOS A CONSULTAS CLÍNICAS E
HOSPITALIZAÇÃO DE GATOS**

Autor: Mariana Mancuso da Costa

**Trabalho apresentado à Faculdade de
Veterinária como requisito parcial para
obtenção da graduação em Medicina
Veterinária.**

**Orientadora: Fernanda Vieira Amorim da
Costa**

**Porto Alegre
2019/1**

Mariana Mancuso da Costa

FATORES COMPORTAMENTAIS RELACIONADOS A CONSULTAS CLÍNICAS E
HOSPITALIZAÇÃO DE GATOS

Aprovado em:

APROVADO POR:

Fernanda Vieira Amorim da Costa

Orientadora

Juliane Paz

Membro da Comissão

Marcelo Meller Alievi

Membro da Comissão

AGRADECIMENTOS

Este trabalho significa muito mais do que a conclusão de uma etapa, mas sim a realização de um sonho e a superação de inúmeros desafios. Agradeço aqueles que estiveram sempre ao meu lado durante toda a trajetória, aqueles que presenciaram cada mudança, cada dificuldade e que comigo comemoram cada pequena e nova vitória.

À minha família por todo apoio e incentivo desde sempre, por sempre acreditarem em mim e na minha profissão. Em especial a minha mãe, meu exemplo de mulher, pessoa e profissional. Obrigada por ter me dedicado tantos anos da tua vida, por nunca me deixar desistir e por estar sempre ao meu lado mesmo nos momentos que eu mesma desacreditei de mim, sem ti nada disso seria possível e essa vitória é tão tua quanto minha.

Aos meus amigos que entenderam muitas vezes minha ausência, que foram base para os momentos mais difíceis e que sempre estiveram ali com o braço estendido e a cerveja gelada. Meus melhores amigos e parceiros da vida toda Ingrid Gonçalves Schmidt e Eduardo Ghidini, vocês não sabem o quão importante foram em diversos momentos, saber que vocês sempre estiveram e sempre estarão comigo foi um dos meus motivos de continuar.

À minha orientadora Fernanda Vieira Amorim da Costa, por toda dedicação e por ser uma pessoa e profissional maravilhosa, que não só me inspira diariamente, mas também me faz querer ser melhor a cada novo desafio. Obrigada por me mostrar da forma mais bonita o que eu realmente amo fazer, tua influência foi decisiva na minha vida.

Por fim, mas nem um pouco menos importante aos meus animais: Meg (*in memoriam*), minha primeira experiência com animais e seus quase 15 anos ao meu lado. Bóris, Zara e Zimba, meus cachorros e companheiros durante toda a graduação. Mingau e Stella, meus gatos e maior inspiração em tudo que me dedico hoje. Isso tudo foi com vocês e por vocês.

RESUMO

O conhecimento sobre o comportamento dos gatos ainda é negligenciado ou até mesmo desconhecido por grande parte dos tutores e da equipe veterinária. A espécie felina possui diversas particularidades em relação as demais espécies domésticas, o desconhecimento sobre o seu comportamento, principalmente no que diz respeito ao medo e a dor, faz que com que muitas vezes os proprietários de gatos acreditem que seus animais necessitam de menos cuidados médicos em relação aos cães. Cães frequentam o veterinário até três vezes mais que os gatos, e o índice de animais que não realizam avaliação e vacinação anuais também é maior entre os gatos. Na prática veterinária, diversos fatores influenciam a expressão do comportamento natural dos gatos, desde as condições da equipe veterinária (como a situação emocional e a preparação para manejar a espécie), até mesmo fatores individuais do gato e o ambiente hospitalar. Diferenciar estresse de doença é extremamente necessário para diagnosticar e tratar corretamente os pacientes, o estresse pode facilmente ser confundido com outras doenças, sendo de suma importância que a equipe veterinária seja capaz de diferenciar e tratar animais estressados, conhecendo a sua natureza e técnicas de manejo apropriadas. Ainda sob a responsabilidade do Médico Veterinário, estão a orientação e as informações que o proprietário obtém sobre o manejo do seu animal. É de grande relevância que o profissional tenha uma relação clara, de confiança e objetiva com o seu cliente, assim, juntos (tutor, Médico Veterinário e gato) poderão alcançar melhores resultados no que tange a saúde e o bem-estar do animal. É importante compreender o atendimento Veterinário, tanto na clínica quanto na hospitalização, sob a visão da equipe veterinária, do tutor e do animal, sabendo-se que cada um dos envolvidos terá suas dificuldades e necessidades e todas devem ser igualmente estudadas para em um conjunto proporcionar o melhor rendimento e êxito no tratamento. O objetivo desse trabalho de revisão de literatura é discorrer sobre o manejo hospitalar ideal de gatos domésticos considerando o comportamento natural da espécie e as implicações dentro do manejo clínico e hospitalar, ressaltando a importância e os benefícios de um manuseio respeitoso e técnico na prática veterinária.

Palavras-chave: felino, bem-estar, manejo hospitalar

ABSTRACT

Knowledge about the behavior of cats is still neglected or even unknown by most tutors and veterinary staff. The feline species has several peculiarities in relation to the other domestic species, the lack of knowledge about their behavior, especially with respect to fear and pain, causes that many times owners of cats believe that their animals need less medical care in relation to dogs. Dogs attend the veterinarian up to three times more than cats, and the rate of animals that do not carry out annual evaluation and vaccination is also higher among cats. In veterinary practice, several factors influence the expression of the natural behavior of the cats, from the veterinary team conditions (such as the emotional situation and the preparation to manage the species), even the individual factors of the cat and the hospital environment. Differentiating disease stress is extremely necessary to correctly diagnose and treat patients, stress can easily be confused with other diseases, and it is of the utmost importance that the veterinary team be able to differentiate and treat stressed animals, knowing their nature and management techniques appropriate. Still under the responsibility of the Veterinarian, are the guidance and information that the owner obtains about the handling of your animal. It is of great relevance that the professional has a clear, trustworthy and objective relationship with his client, so that together (tutor, veterinarian and cat) they can achieve better results regarding the health and welfare of the animal. It is important to understand the veterinary care, both in the clinic and in the hospitalization, under the vision of the veterinary team, the guardian and the animal, knowing that each of the involved will have their difficulties and needs and all should be equally studied for in a set provide the best yield and success in treatment. The objective of this literature review is to discuss the ideal hospital management of domestic cats considering the natural behavior of the species and the implications within clinical and hospital management, emphasizing the importance and benefits of a respectful and technical handling in veterinary practice.

Keywords: *feline, well-being, hospital management*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Interação social positiva entre filhotes.....	15
Figura 2	Gatos tocando narizes como sinal de ligação social.....	15
Figura 3	Gato friccionado a cabeça contra a mão humana, demonstrando disposição em interagir.....	15
Figura 4	Posturas corporais que transmitem medo ou agressividade em gatos.....	17
Figura 5	Sinais faciais de acordo com o nível de medo ou agressividade em gatos.....	17
Figura 6	Gato com pupilas dilatadas e orelhas achatadas lateralmente em sinal de medo e excitação aumentada.....	18
Figura 7	Gato com a cauda mantida reta para baixo, corpo arqueado e piloereção na tentativa de parecer maior, sinalizando postura agressiva.....	18
Figura 8	Frustração ou irritação demonstrada com orelhas voltadas para trás.....	19
Figura 9	Sinalização visual de que a interação não é desejada demonstrada pelo aumento da distância.....	19
Figura 10	A “reação de flehmen”, ativando o órgão vomeronasal.....	20
Figura 11	Principais estruturas glandulares produtoras de odores do gato doméstico.....	21
Figura 12	Gato esfregando-se em objeto para depositar marcas de cheiro.....	22
Figura 13	Marcação de urina sendo realizada pelo método de pulverização.....	22
Figura 14	De cima para baixo, as setas apontam para os tufos superciliares, genais, vibrissas mistaciais e mandibular.....	23
Figura 15	Enrolamento de caudas em sinal de comportamento afiliativo.....	25
Figura 16	Limpeza de outro gato (<i>allogrooming</i>) demonstrando relação social entre dois indivíduos.....	25
Figura 17	Gato demonstrando medo através da postura de proteção, com o corpo e cabeça baixos, orelhas aproximadas e olhos arregalados.....	28
Figura 18	Placa sinalizando sala de espera exclusiva para gatos, localizada no Hospital de Clínicas Veterinárias da UFRGS (HCV – UFRGS), no setor de medicina de felinos (MedFel).....	31
Figura 19	Prateleira adapta para acomodação das caixas de transporte dos gatos localizada no Hospital de Clínicas Veterinárias da UFRGS (HCV – UFRGS), na área de espera do setor de medicina de felinos (MedFel).....	32

Figura 20	Sala de exames adaptada as necessidades do paciente felino localizada no Hospital de Clínicas Veterinárias da UFRGS (HCV – UFRGS), no setor de medicina de felinos (MedFel).....	34
Figura 21	Gato sendo removido da caixa de transporte de forma não traumática.....	34
Figura 22	Abordagem do gato de forma não ameaçadora com a mão estendida.....	35
Figura 23	Contenção realizada de forma correta quando necessária, com uso de uma toalha de banho.....	35
Figura 24	Massagear ou acariciar o topo da cabeça pode ajudar a relaxar o gato enquanto se faz procedimentos.....	36
Figura 25	Pressão arterial sendo aferida antes dos demais parâmetros, com o mínimo de contenção possível.....	36
Figura 26	Boxes lado a lado (para evitar que os gatos se vejam excitados) localizados no Hospital de Clínicas Veterinárias da UFRGS (HCV – UFRGS), no setor de medicina de felinos (MedFel).....	37
Figura 27	Boxes hospitalares adaptados para gatos, com refúgio e feito de material silencioso e quente localizada no Hospital de Clínicas Veterinárias da UFRGS (HCV – UFRGS), no setor de medicina de felinos (MedFel).....	38

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Alterações de comportamento que podem gerar dor, doença ou angústia.....	26
-----------------	--	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	13
2.1	Histórico.....	13
2.2	Comportamento social.....	13
2.3	Sentidos e comunicação.....	16
2.3.1	Audição.....	16
2.3.2	Visão e postural corporal.....	16
2.3.3	Olfato.....	19
2.3.4	Tato.....	22
2.3.5	Vocalização	23
2.4	Comportamento afiliativo.....	24
2.5	Comportamento durante a consulta ou hospitalização.....	25
2.5.1	Medo e agressividade.....	26
2.5.2	Ansiedade.....	28
2.6	Práticas e manejo para evitar o estresse.....	29
2.6.1	Práticas e manejos hospitalares.....	29
2.6.1.1	Recepção.....	31
2.6.1.2	Sala de exames.....	32
2.6.1.3	Área hospitalar.....	37
2.6.1.4	Intervenção psicofarmacológica.....	38
2.7	Orientações ao proprietário.....	39

3	CONCLUSÃO.....	42
	REFERENCIAS.....	43

1 INTRODUÇÃO

O gato tornou-se o animal de estimação mais popular nos EUA, Canadá e no norte da Europa, e sua popularidade continua a aumentar. Apesar da popularidade dos gatos como animal de estimação estar em aumento constante, até o momento há pouco conhecimento real sobre o comportamento normal e a natureza dos gatos por parte dos proprietários, veterinários e equipe médica (RODAN, 2015). Em comparação com os proprietários de gatos, os proprietários de cães levam seus animais ao veterinário com maior frequência e apresentam maior probabilidade de seguir as recomendações profissionais (RODAN, 2015). A existência de problemas de comportamento na população de gatos de estimação está longe de ser rara e tutores de gatos são muito menos propensos do que os tutores de cães a procurar ajuda profissional e aconselhamento médico (BRADSHAW, 2018).

A falta de conhecimento do comportamento natural dos felinos muitas vezes pode ocasionar o insucesso dos tratamentos aplicados na prática veterinária. O estresse pode facilmente gerar alterações de saúde física e bem-estar dos animais e, muitas vezes ser a causa primária de diversas doenças. Quando vários níveis de estresse estão presentes, especialmente angústia, este comprometimento da saúde comportamental e física influencia negativamente os resultados do tratamento (HORWITZ; RODAN, 2018).

Os clientes declaram dificuldade em transportar o animal e lidar com o medo do gato na clínica veterinária como razões para realizarem menos visitas. Educar e preparar o cliente e a equipe veterinária no que diz respeito ao manejo felino respeitoso é necessário para evitar estresse e realizar o propósito de bons cuidados de saúde. Sem este preparo prévio, o estresse felino pode se transformar em medo ou agressão associada ao medo. O estresse resultante pode alterar os resultados do exame físico e exames laboratoriais, levando a diagnósticos incorretos (por exemplo, *Diabetes mellitus*) e tratamentos desnecessários (RODAN et al., 2011).

Os efeitos deletérios do estresse incluem: transtornos gastrointestinais, alterações cutâneas (automutilação, alopecia psicogênica), alterações no apetite (aumento ou perversão), alterações nos hábitos de autolimpeza (aumento ou diminuição), hiperestesia felina, alterações na eliminação de urina (borrifar urina, marcar território, eliminação inapropriada), alterações nas interações sociais, alterações nas atividades físicas (aumento ou diminuição), dentre outros (RODAN, 2015).

Torna-se de ampla importância que a equipe veterinária seja capaz de compreender e instruir os tutores em relação ao comportamento social e comunicação dos gatos, reconhecer sinais de medo e ansiedade e preparar o cliente para que a visita ao veterinário seja menos

estressante e traumática ao animal e proprietário. O ambiente hospitalar bem como o local de residência do gato deve ser adequado para proporcionar maior conforto e segurança, respeitando as características comportamentais da espécie. Compreender a influência do estresse, angústia e ambiente na expressão da doença é importante tanto em casa quanto durante a consulta felina. Além disso, reconhecendo a interação entre comportamento físico e saúde emocional, os veterinários têm uma ótima oportunidade de fornecer atendimento ao paciente e educação do proprietário (HORWITZ; RODAN, 2018).

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 Histórico

Os primeiros ancestrais conhecidos dos felídeos datam de 45 milhões de anos, no entanto, há registros de domesticação dos gatos no Egito por cerca de 1600 aC. A data referida da domesticação varia de 100 aC a 7.000 aC, mas vários deduzem que mesmo agora o gato não é totalmente domesticado, porque poderia voltar à autossuficiência total (BEAVER, 2003). As atitudes humanas em relação aos gatos têm variado drasticamente ao longo da história, desde sendo altamente reverenciado no antigo Egito a ser submetido ao ódio generalizado e perseguição em grande parte da Europa depois da Idade Média (ATKINSON, 2018).

Primeiramente a relação entre humanos e gatos era de permuta, no controle de roedores, principalmente em locais onde existiam grãos para alimentação animal. A reprodução seletiva de cães e a de gatos se diferencia devido ao fato de que os cães foram criados seletivamente para melhorar tanto o comportamento quanto as suas características físicas, e os gatos para melhorar as diferenças físicas apenas (ATKINSON, 2018). A pressão seletiva favoreceu aqueles indivíduos que eram mais tolerantes com a presença de outros gatos e humanos. Na presença de alimento abundante e facilmente disponível, a capacidade de compartilhar de forma passiva os alimentos aumentaram a chance de um indivíduo sobreviver e procriar (CASE, 2010).

Os gatos ainda controlam roedores, porém a proximidade com os seres humanos passou a incluir novos motivos pelos quais as pessoas adotam gatos. A maioria dos tutores afirmam que a personalidade e a aparência dos felinos são pontos importantes na escolha do animal de estimação. O atual estilo de vida do gato moderno tende a se enquadrar em uma das quatro categorias: (1) “vida selvagem” independente, totalmente ignorada pelas pessoas; (2) vida livre e interdependente ou sem dono com dependência de humanos limitados a comida; (3) domesticado, interdependente e de vida livre, como animais de estimação abandonados; e (4) domesticado (BEAVER, 2003).

2.2 Comportamento Social

Gatos são caçadores solitários, eles evitam brigas, sempre que possível, distanciando-se dos demais. A resposta frequente ao confronto se dá evitando ou se escondendo, e a luta ocorre apenas como último recurso (RODAN et al., 2011). Como descendentes de animais solitários, onde esconder doenças é importante para a sobrevivência, nossos gatos domésticos apresentam sinais comportamentais mínimos de doença, dor e estresse / angústia, se isolando e mantendo a

monitoração a distância, de acordo com o comportamento individual de cada gato (HORWITZ; RODAN, 2018).

Durante as primeiras duas a sete semanas de vida do animal, se obtêm os melhores resultados em relação a interação social de gatos e humanos, neste mesmo período a exposição a qualquer situação que o animal virá a ser exposto na fase adulta a tornará menos traumática no futuro (Figura 1). Como um gato irá responder na vida adulta é baseado nas experiências ocorridas nesta fase, inclusive gatos abandonados em idade jovem ou que passaram muito tempo em abrigos serão influenciados por estas vivências (HORWITZ; RODAN, 2018).

Mudanças no comportamento da espécie são um processo contínuo muito lento e o gato doméstico ainda não evoluiu para ser completamente social, há limitações e restrições a essa habilidade, por isso nunca se deve pressupor que os gatos se relacionarão instintivamente um com o outro só porque são membros da mesma espécie. Grande parte das famílias multi-gatos é composta por vários indivíduos solitários ou pequenos grupos sociais, normalmente com não mais de dois a três em cada grupo. Mesmo em uma casa com muitos gatos, é possível que nenhum deles seja socialmente ligado e que todos sejam indivíduos solitários (ATKINSON, 2018). O sistema social felino é flexível, permitindo que os gatos vivam sozinhos ou em grupos de tamanho variável sempre que houver apoio suficiente de recursos para tal (RODAN et al., 2011), a restrição e/ou limitação da sociabilidade do gato pode-se dar por falta de recursos e personalidade dos gatos.

Gatos reservam a comunicação tátil para membros sociais do seu grupo. Os sinais de ligação social consistem em: procurar a companhia um do outro; aproximação da cauda levantada verticalmente e cumprimento cheirando / tocando narizes (Figura 2); aliciamento mútuo (*allogrooming*); esfregar-se uns aos outros (*allorubbing*); descansar e dormir juntos, geralmente se tocando, às vezes enrolado um ao outro; e brincar também pode ser um sinal de vínculo social (HEATH; WILSON, 2014).

As relações sociais próximas se manifestam entre gatos de estimação e seus proprietários, entretanto, a força e a qualidade do relacionamento do gato com o tutor dependem muito de fatores como o temperamento individual e a socialização precoce com as pessoas. Percebe-se que um gato está relaxado e disposto a interagir com uma pessoa quando ele demonstra sinais como piscar devagar, friccionar a cabeça ou face na mão ou outras parte do corpo humano (Figura 3), empurrar o corpo contra a mão, tentar subir no colo da pessoa, rolar relaxado expondo a barriga (ELLIS et al., 2013).

Figura 1: Interação social positiva entre filhotes.



HEATH, 2018

Figura 2: Gatos tocando narizes como sinal de ligação social.



ATKINSON, 2018

Figura 3: Gato friccionado a cabeça contra a mão humana, demonstrando disposição em interagir.



Própria autora, 2019

2.3 Sentidos e comunicação

A percepção dos gatos se dá basicamente pelos sentidos e diversos fatores estressantes podem estar associados com estímulos visuais, auditivos, olfativos e táteis, principalmente durante a consulta e/ou hospitalização (BRADSHAW, 2018).

2.3.1 Audição

Os gatos podem ouvir diversas frequências, inclusive o ultrassom e, em comparação com os seres humanos, a sua audição é cerca de quatro vezes mais aguçada. Estes fatores fazem com que durante a permanência em uma clínica veterinária, os mais diversos sons possam desencadear o estresse para os felinos, como equipamentos, outros animais e pessoas com tom de voz alto (RODAN, 2015). Sabendo que a frequência auditiva do gato ultrapassa a dos humanos, torna-se difícil a avaliação das implicações do ruído no bem-estar dos felinos.

A intensidade em habitats naturais (savanas e florestas tropicais) variam de 20 a 40 dB, enquanto normalmente ultrapassa 100 dB em abrigos e clínicas durante o manejo de rotina. É provável que a redução dos níveis de ruído e manutenção da intensidade sonora em torno de 60 dB (nível de conversação tranquila) possa ser benéfica para os gatos (STELLA; CRONEY, 2016)

2.3.2 Visão e postura corporal

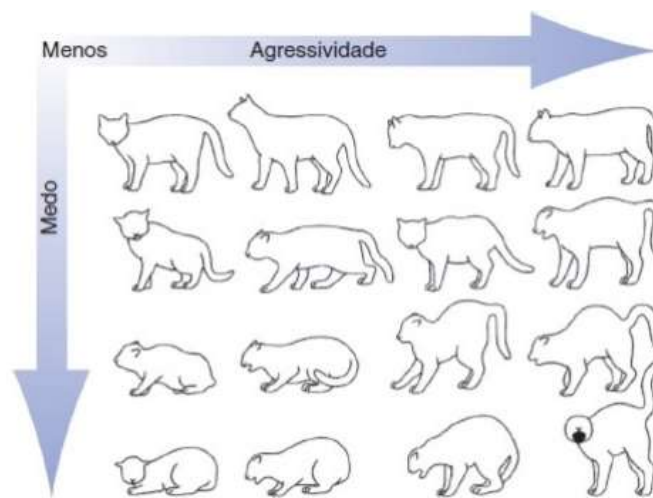
A visão dos gatos é extremamente sensível aos movimentos e possuem a capacidade de enxergar com pouca luz. Felinos admitem uma variedade de posturas corporais sutis, expressões corporais e posições da cauda para se comunicarem uns com os outros, com intuito de evitar o contato físico e neutralizar a tensão (Figura 4). Os sinais faciais de que um gato está com medo ou agressivo, são mais instantâneos que os corporais (Figura 5). Pode-se entender os sinais dos felinos pelas pupilas, que em estado normal se encontrarão em fenda, e quando estão dilatadas representam medo, fuga ou luta e podem sinalizar agressividade (Figura 6) (RODAN, 2015).

A cauda do gato também é bastante expressiva e se encontrará mantida verticalmente ou dobrada quando calmos, já a cauda mantida reta para baixo ou perpendicular ao chão indicara uma postura agressiva (Figura 7). Quando muito agitados, incomodados, excitados ou durante um conflito, os gatos costumam bater a cauda vigorosamente de um lado para o outro. A posição das orelhas também pode sinalizar o estado emocional dos gatos. Orelhas achatadas lateralmente podem ser um indicador de medo, quanto mais assustado o gato, mais este irá

aplanar as orelhas. A frustração pode ser demonstrada pelas orelhas sendo giradas para trás (Figura 8) (RODAN, 2015).

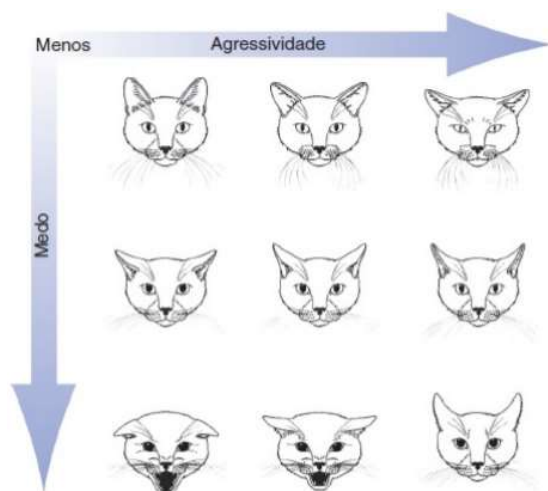
A maioria das sinalizações visuais felinas, especialmente entre gatos, pode ser definida aumentando ou mantendo a distância de um indivíduo que não deseja interagir e a diminuindo quando a interação é desejada (Figura 9) (ATKINSON, 2018). Saber reconhecer estes sinais é uma ferramenta muito importante, assim é possível evitar que o medo aumente e que agressões aconteçam, além de perceber se o gato pretende fugir, ficar imóvel ou lutar e antecipar-se.

Figura 4: Posturas corporais que transmitem medo ou agressividade em gatos.



Fonte: RODAN, 2015

Figura 5: Sinais faciais de acordo com o nível de medo ou agressividade em gatos.



Fonte: RODAN, 2015

Figura 6: Gato com pupilas dilatadas e orelhas achatadas lateralmente em sinal de medo e excitação aumentada.



ATKINSON, 2018

Figura 7: Gato com a cauda mantida reta para baixo, corpo arqueado e piloereção na tentativa de parecer maior, sinalizando postura agressiva.



ATKINSON, 2018

Figura 8: Frustração ou irritação demonstrada com orelhas voltadas para trás.



ATKINSON, 2018

Figura 9: Sinalização visual de que a interação não é desejada demonstrada pelo aumento da distância.



HEATH, 2018

2.3.3 Olfato

Felinos utilizam o olfato como forma de comunicação, na reprodução, alimentação e caça, sendo este um sentido primordial para os gatos. O epitélio olfativo felino é cerca de cinco a 10 vezes mais extenso que o dos seres humanos e os gatos ainda possuem o órgão vomeronasal (órgão de Jacobson) que contém células olfativas sensíveis que estimulam áreas do cérebro responsáveis por um sentido que provavelmente está entre o gosto e o cheiro e é utilizado para detectar feromônios utilizados na comunicação (RODAN, 2015). A reação de flehmen é caracterizada quando a cabeça do gato é levantada e puxada para trás, a boca parcialmente aberta e os lábios retraídos (Figura 10). A língua do gato se move ritmicamente ao longo do céu da boca. Esses movimentos direcionam moléculas de aroma transportadas pelo ar e por fluidos para os dois canais palatinosos localizados cranialmente no palato duro do gato, imediatamente

atrás dos incisivos superiores. Esses dutos se conectam ao órgão vomeronasal localizado no palato duro (CASE, 2010). Os axônios dos neurônios receptores deste órgão terminam em uma estrutura do sistema nervoso denominada “bulbo vomeronasal” ou “bulbo olfatório acessório”. Por sua vez, o bulbo envia projeções nervosas para a amígdala, estrutura muito importante do sistema límbico ou “cérebro emocional” (vilanova, 2003)

Figura 6: A "reação de flehmen", ativando o órgão vomeronasal.



Fonte: ATKINSON, 2018

Os odores depositados pelos gatos em objetos têm várias vantagens como ferramenta de comunicação. Os cheiros permanecem no ambiente por um longo período de tempo e podem transmitir informações sobre o sexo e o estágio reprodutivo, mesmo após o animal deixar o local. Os gatos têm vários tipos de glândulas da pele especializadas que são importantes para a comunicação olfativa, localizadas ao redor dos lábios e no queixo, entre os dedos e na região perianal (Figura 11). As secreções aumentadas das glândulas sebáceas são depositadas como marcas de cheiro quando os gatos se esfregam em objetos, outros animais ou até mesmo no proprietário, e quando afiam as unhas ou arranham (Figura 12) (CASE, 2010).

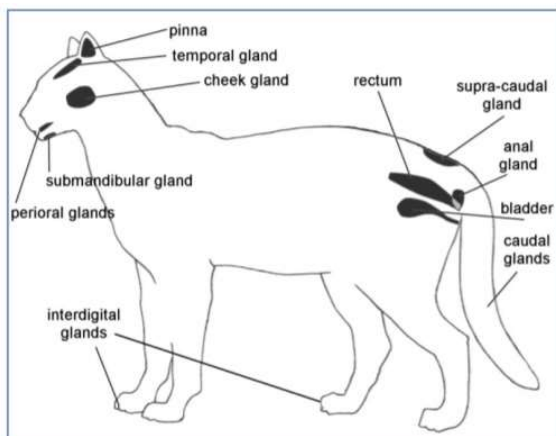
Os feromônios são substâncias produzidas pelos seres vivos e liberadas no ambiente, desempenhando função comunicativa, ou seja, são sinais químicos capazes de alterar o comportamento dos indivíduos receptores (PAGEAT; GAULTIER, 2003). Uma vez depositados pelo animal no ambiente, produzem respostas fisiológicas e comportamentais em

um indivíduo receptor da mesma espécie, desempenhando um papel importante no comportamento, especialmente na conduta sexual e social, e também na sua organização espacial. Tanto a urina como o exsudato vaginal e as fezes são fontes importantes de feromônios, assim como glândulas cutâneas espalhadas por todo o corpo (VILANOVA, 2003). O feromônios faciais foram sintetizados artificialmente, e o odor associado tem um efeito calmante na maioria dos gatos. Isso realmente verifica a importância dos odores no mundo de um gato, porque os seres humanos não conseguem detectar o cheiro específico de feromônio (BEAVER, 2003).

A marcação de urina é reconhecida principalmente pelo método de pulverização. O gato adota uma posição particular para pulverizar, ficando em pé, com a cauda posicionada verticalmente e tremendo, com as patas traseiras pisando alternadamente (Figura 13). Machos inteiros e próximos a fêmeas no cio, tendem a pulverizar com maior frequência. Gatos ansiosos e/ou estressados também costumam pulverizar nos locais onde se sentem inseguros ou ameaçados, inclusive em ambientes fechados (BEAVER, 2003). O interesse de outros gatos por marcas de urina realizadas através da pulverização é muito maior do que aquelas eliminadas de cócoras. A investigação da urina muitas vezes pode provocar a resposta flehmen (BEAVER, 2003), responsável pela ativação do órgão vomeronasal que irá perceber feromônios.

Odores aversivos podem ser uma fonte de estresse crônico para animais confinados. Odores potencialmente desagradáveis para gatos incluem o cheiro de cães (predadores naturais), álcool, produtos químicos de limpeza (incluindo sabão em pó) e aromas cítricos (STELLA; CRONEY, 2016). Gatos angustiados/estressados eliminam odores perceptíveis aos demais que poderão apresentar sinais de medo ou agressividade (ATKINSON, 2018).

Figura 11: Principais estruturas glandulares produtoras de odores do gato doméstico.



Fonte: BRADSHAW, 2018

Figura 12: Gato esfregando-se em objeto para depositar marcas de cheiro.



ATKINSON, 2018

Figura 13: Marcação de urina sendo realizada pelo método de pulverização.



ATKINSON, 2018

2.3.4 Tato

Os gatos possuem sentidos táteis extremamente aguçados, podendo se tornar agressivos quando o toque é inesperado ou indesejado. Os bigodes ou vibrissas são utilizados para examinar o meio a sua volta, são espessos e profundos dentro da pele, cerca de três vezes mais profundos que os pelos normais (Figura 14). Um grande número de mecanorreceptores e

neurônios sensoriais responsivos à pressão ou distorção são encontrados na sua base. Os pés dos gatos também são muito sensíveis e possuem uma alta densidade de mecanorreceptores que respondem a pressão e vibração das superfícies, explorando novos objetos pelo toque e desempenhando importante função na caça e defesa (ATKINSON, 2018). A musculatura estriada aderida ao folículo torna possível que as vibrissas se movimentem voluntariamente. Os receptores nervosos presentes nos folículos são sensíveis a pressão e movimentação (LEY; SEKSEL, 2015).

Como a visão dos gatos não é eficiente para enxergar coisas próximas, as vibrissas faciais (bigodes) são importantes para localizar a presa, alimento, água e objetos próximos a face através das ondas/vibração do deslocamento do ar. As vibrissas presentes em tufos superciliares e entre as orelhas e mandíbula (tufos genais), são responsáveis também pela conscientização espacial (LEY; SEKSEL, 2015). O toque físico na cabeça e pescoço são mais bem aceitos pela maioria dos gatos, enquanto alguns podem ficar agressivos quando acariciados em áreas como o abdômen ou apresentar aumento da excitação quando a parte dorso caudal é tocada (RODAN et al., 2011).

Figura 14: De cima para baixo, as setas apontam para os tufos superciliares, genais, vibrissas mistaciais e mandibular.



GRACE, 2011

2.3.5 Vocalização

Os gatos aprendem rapidamente o modo de fazer as pessoas responderem às suas vocalizações, para receberem alimento e atenção. Embora os gatos ronronem quando estão satisfeitos, também podem ronronar quando doentes ou amedrontados. O ronronar é um pedido

de contato e cuidados (RODAN, 2015).

Os sons que os gatos produzem podem ser divididos em três categorias: sons feitos com a boca fechada (1), sons feitos com a boca inicialmente aberta e depois fechando-se (2) e sons feitos com a boca fechada (3). Os sons realizados com a boca fechada são ronronar e o miado de trinado/estridulação/cumprimento, todos eles parecem indicar ser o contato gato a gato ou gato com o ser humano. Sons com a boca aberta fechando-se são o miado, miado longo, chamado da fêmea e chamado do macho, uma variedade de miados pode ocorrer devido as diferenças individuais entre os gatos e a interação com as pessoas. Sons realizados com a boca fechada são os sons de agressão: rugido, uivo, rosnado, sibilo e som de cuspir. Rugidos, uivados e rosnados indicam que o gato está ameaçando ou atacando, enquanto sibilo e som de cuspir tendem a ser usados em situações de agressividade defensiva, quando o gato se sente atacado (LEY; SEKSEL, 2015).

2.4 Comportamento afiliativo

Tocar os narizes (ou *sniffing* nasal simultâneo) é um comportamento afiliativo que algumas vezes segue uma abordagem de cauda levantada mútua e pode ser um sinal de relação positiva entre dois gatos (Figura 15). A fricção mútua de cabeças, bochechas e flancos (*Allorubbing*) também ocorre entre dois indivíduos socialmente ligados e quase sempre segue uma abordagem de cauda levantada pelo iniciador. O enrolamento de caudas geralmente ocorre entre dois gatos socialmente ligados ou também pode ser direcionado para outro animal ou pessoa considerada amigável. A limpeza de outro gato (*Allogrooming*) é geralmente direcionada para a área da cabeça e pescoço e um gato pode solicitar o cuidado de outro, aproximando-se com um pescoço flexionado para expor (Figura 16) (ATKINSON, 2018).

Ronronar e empurrar ritmicamente contra um objeto com os pés dianteiros estendendo e retraindo as garras, é um comportamento de filhotes que estimula o fluxo de leite materno. Em adultos, pode ser realizado em material macio, roupa de cama e outros gatos e pessoas, se eles estão socialmente ligados a este gato ou aos humanos, porém o objetivo do comportamento em gatos adultos não é claro podendo ser simplesmente um comportamento neotênico associado a situações prazerosas (ATKINSON, 2018).

Figura 15: Enrolamento de caudas em sinal de comportamento afiliativo.



ELLIS, 2013.

Figura 16: Limpeza de outro gato (*allogrooming*) demonstrando relação social entre dois indivíduos.



ELLIS, 2013.

2.5 Comportamento durante a consulta ou hospitalização

É possível reconhecer sinais precoces de medo ou ansiedade e prever seus comportamentos agressivos em resposta. Desta forma, pode-se tomar medidas precocemente para evitar que aconteça uma resposta completa de medo ou agressão. Gatos fogem, lutam ou envolvem comportamentos de deslocamento para resolver conflitos, não são capazes de apaziguar uns aos outros. Um gato que apresenta aceitação, silêncio ou falta de movimento não está necessariamente sem dor ou ansiedade, estes sinais podem inclusive indicar que este animal está se sentindo ansioso ou desconfortável (RODAN et al., 2011). Muitos casos que são levados

a consulta como problemas clínicos recorrentes, como vômito, diarreia ou alterações cutâneas podem ser causados ou influenciados por problemas relacionados ao estresse (RODAN, 2015).

Novidade, confinamento e incapacidade de expressar comportamentos típicos de espécies podem resultar em sofrimento nos gatos (Tabela 1). Suas respostas relacionadas incluem: diminuição do apetite, afastamento do grupo social, aumentos no urinário, aumento da frequência e intensidade nas tentativas de se esconder. Intervenções médicas (por exemplo vacinação, tratamento de parasitas e esterilização), enquanto podem ser potencialmente benéficos para a saúde física do gato, podem também introduzir estressores adicionais e, assim, impactar a saúde do animal (STELLA; CRONEY, 2016).

Tabela 1: Alterações de comportamento que podem gerar dor, doença ou angústia em gatos.

Fonte: Criada pela autora, baseada em HORWITZ; RODAN, 2018

Alteração de comportamento	Apresentação	Diagnóstico diferencial
Atividade	Inatividade ou Hiperatividade	Inatividade: ambiente inadequado; conflitos; medo de outro animal ou humano, dentro ou fora de casa; fraqueza (por exemplo, anemia, hipocalemia, deficiência de tiamina); doença musculoesquelética ou neurológica; doença cardiovascular ou respiratória; dor aguda ou crônica de qualquer sistema orgânico Hiperatividade: hipertireoidismo, outras doenças metabólicas
Apetite	Inapetência ou Polifagia	Inapetência: incapacidade de acessar a vasilha de comida (por exemplo, medo de outro animal, não pode alcançar a tigela de comida), doença renal crônica, doença inflamatória intestinal, outras causas médicas Polifagia: <i>diabetes mellitus</i> , hipertireoidismo
Consumo de água	Adipsia ou Polidipsia	Adipsia: Incapacidade de acessar facilmente a vasilha de água Polidipsia: <i>diabetes mellitus</i> , diabetes insipidus, doença renal crônica
Sono	Dormindo menos, inquietude, fingindo dormir (o gato parece estar dormindo, mas está acordado e vigilante), dormindo mais	Inquietação e dormir mais: doença ou dor Dormir menos e fingir dormir: aflição
Higiene	Aumentada ou diminuída	Diminuição: obesidade, doença articular degenerativa, osteoartrite Aumento: doença de pele, excesso de áreas doloridas, angústia
Mobilidade	Geralmente diminuída	doença articular degenerativa, osteoartrite, dor, conflito social, obesidade
Vocalização	Vocalização mais silenciosa que o normal ou maior vocalização	Aumento da vocalização: hipertireoidismo, hipertensão, estresse, angústia, deficiência auditiva ou visão (não congênita, mais comum em idosos), disfunção cognitiva Diminuição da vocalização: angústia
Eliminações	Localização alterada, consistência ou frequência de urina e fezes	Doença do trato urinário inferior felino (cistite idiopática felina, cistólitos, infecção do trato urinário); aflição sem cistite idiopática felina; dificuldade em chegar ou entrar na caixa de areia devido a fraqueza ou doença articular degenerativa (por exemplo, a caixa foi colocada na banheira ou deve ser alcançada por um conjunto de escadas) ou conflito; caixa de areia suja
Interações	Evita proximidade ou agressão	Conflito social, dor, doença, mudança no ambiente físico ou social

2.4.1 Medo e agressão

O medo é a resposta emocional que capacita o gato a evitar situações e atividades perigosas, ocorrendo normalmente em ambientes não familiares. É a principal causa de

comportamento inadequado e agressividade em gatos, no hospital veterinário. A punição e a má socialização com frequência levam à agressividade por medo (RODAN, 2015).

Os medos, fobias e ansiedades requerem identificação dos gatilhos, que podem ser: por estar sendo deixado sozinho, ruídos altos ou uma combinação de muitos gatilhos. O tratamento deve ser direcionado à causa (STELow, 2018). O medo é um motivo comum de agressão contra as pessoas. O enriquecimento ambiental e a prevenção de gatilhos, fazem parte do plano geral de tratamento (BAIN; STELOW, 2014).

A reação fisiológica ao medo resulta em aumento das frequências cardíaca e respiratória, transpiração, tremor, movimentação e, possivelmente, micção e defecação. Apresentam alteração na postura corporal e na atividade, procurando evitar, fugir ou esconder-se. O gato com medo adota posturas de proteção, como baixar o corpo e a cabeça, aproximar as orelhas, arregalar os olhos e colocar a cauda entre as pernas (Figura 17). O medo normal é de adaptação e transitório (RODAN, 2015).

A agressividade é um problema comum e potencialmente perigoso que tutores de gatos podem vivenciar. Apesar de ser um problema frequentemente relatado e que em muitos casos pode levar a renúncia do animal pelo proprietário, ainda apresenta um desafio para os veterinários no quesito tratamento. A agressão faz parte da comunicação social normal, que inclui recursos visuais, auditivos, componentes táteis e olfativos, quando a agressão é causada por razões de medo, territoriais ou hierárquicas (BAIN; STELOW, 2014).

Os gatos podem temer pessoas, lugares, outros animais e diferentes estímulos (como ruídos e odores). Inicialmente o gato amedrontado tentará evitar o estímulo agressivo e exibir sinais de aviso como: silvos, cuspir, rosnar, eriçar o pelo, aplinar as orelhas ou adotar posição corporal baixa ou agachada. Normalmente o gato tentará fugir, porém, se for impedido poderá atacar (RODAN, 2015).

As causas frequentes de agressão são: agressividade por medo de locais ou pessoas não familiares; agressividade associada a dor; ansiedade ou memória de uma experiência negativa (amedrontadora ou dolorosa); chamar atenção por meio do comportamento; agressividade por brincadeira; falta de socialização; contenção forçada; ruídos altos; odores desagradáveis; movimentos rápidos ou apressados em direção ao gato; problema clínico subjacente; intolerância ou agressividade ao carinho; ansiedade do proprietário; punição física; agressividade redirecionada (RODAN, 2015)

Figura 17 Gato demonstrando medo através da postura de proteção, com o corpo e cabeça baixos, orelhas aproximadas e olhos arregalados.



ATKINSON, 2018

2.4.2 Ansiedade

A ansiedade é a antecipação emocional de um evento adverso – que pode ou não ser real (HORWITZ; RODAN, 2018). Mesmo não expressando sinais de ansiedade e estresse, os gatos podem apresentar níveis elevados de catecolaminas e outros hormônios associados ao estresse (ELLIS et al., 2013). A ansiedade também pode levar ao comportamento inadequado e agressividade. Gatos tornam-se mais confortáveis e menos estressados quando possuem a sensação de controle, mesmo que não exercido, portanto permitir que o animal tenha algum controle durante a consulta (como escolhendo a posição e local mais confortáveis para o exame), o que contribuirá para uma diminuição considerável do estresse associado as consultas clínicas (HORWITZ; RODAN, 2018).

A ansiedade deve ser diferenciada do medo, pois esta costuma ocorrer sem ameaça externa. O medo é, em geral, de início agudo e de duração transitória e a ansiedade é o estado mais crônico de apreensão inespecífica. A ansiedade crônica leva à estimulação simpática e normalmente é acompanhada por sinais de hipervigilância (olhar atentamente), hiperatividade autônoma (transtornos gastrointestinais) e aumento da atividade motora (deambulação) (RODAN, 2015).

2.6 Práticas e manejo para evitar o estresse

2.6.1 Práticas e manejo hospitalares

Um dos principais motivos alegados pelos tutores de gatos para a demora em procurar serviços veterinários, é o estresse associado ao momento. Em termos de saúde e bem-estar animal, existe uma grande implicação em relação a este dado que deve ser levada em conta (HEATH, 2018). Sempre que possível, é importante registrar os comentários do cliente sobre o comportamento do gato em casa e em visitas anteriores (pode-se enviar previamente um questionário ao tutor), para desta forma saber o que funciona ou não com o animal individualmente. Quando necessário, deve-se administrar medicação oral antes da visita, caso os comentários do tutor ou histórico do animal sugiram que seja necessária para gerenciar o medo. Nestes casos, usa-se ansiolíticos e medicação contra náusea para gatos que vomitam durante o trajeto até a clínica (RODAN et al., 2011).

É recomendável utilizar a restrição química sempre previamente, porque uma vez que o gato já está agitado ela torna-se menos eficaz e confiável. Indica-se a restrição química quando o gato mostra sinais de medo, ansiedade e agressão, situações que preveem dor ou desconforto e quando o procedimento levará mais tempo sem a medicação. A restrição química pode aumentar a segurança e reduzir o estresse para o gato, cliente e equipe veterinária (RODAN et al., 2011).

Movimentos bruscos ou repentinos durante o manejo do paciente felino podem tornar o animal mais reativo e estressado. Durante a permanência na clínica é comum que o gato fique no fundo da gaiola e, por não ter possibilidade de fuga, pode se tornar agressivo ao contato. Afim de aumentar o conforto e tornar a consulta e/ou hospitalização menos estressante para o animal, deve-se evitar o olhar direto nos olhos, encarando o gato, pois isso sinaliza uma ameaça, enquanto piscar lentamente pode trazer uma sensação de conforto e confiança (RODAN, 2015).

O enriquecimento ambiental no hospital ou clínica veterinária visa primeiramente reduzir a ansiedade do gato e, em segundo lugar a ansiedade do tutor. É necessário que a equipe veterinária tenha em mente que o proprietário que decidirá se o animal irá receber o tratamento proposto e ainda se o acompanhamento e serviços veterinários serão procurados no futuro. O atendimento exclusivo de felinos torna-se atraente aos olhos do proprietário antes de tudo por acreditar que um veterinário que concentra a sua vida profissional em uma espécie deve se tornar mais eficiente em atendê-la. O ambiente livre de cães torna automaticamente o meio menos ameaçador aos pacientes felinos (Figura 18) e o espaço exclusivo é composto por veterinários, técnicos, recepcionistas e demais membros da equipe que realmente gostam de

gatos e de trabalhar com gatos, o que passa grande confiança ao tutor (SCHMELTZER; NORSWORTHY, 2012). É necessário educar todos membros da equipe sobre a natureza felina, esclarecendo como o animal responde em ambientes estranhos e como lidar respeitosamente com o gato, aconselhar sempre a falar calmamente e em tons suaves próximo ao paciente (AAFP, 2010).

O exame físico completo e coletas de amostras laboratoriais, podem ser um desafio na clínica felina. Mesmo quando estes são bem-sucedidos existe a possibilidade de alterações nos resultados devido ao estresse associado a visita. O estresse pode resultar nas seguintes anormalidades ao exame: taquicardia, bradicardia (se o estresse for prolongado), aumento da frequência respiratória, dilatação das pupilas e hipertermia. Alguns podem evacuar as bolsas anais ou o conteúdo da bexiga e do intestino. As fezes podem ser pastosas, tingidas de sangue e cobertas com muco, em razão da colite associada à experiência estressante (RODAN, 2018).

Além disso, os resultados dos exames diagnósticos podem estar acentuadamente anormais no paciente saudável, porém estressado. A hiperglicemia por estresse está associada a contenção do paciente e pode ocorrer rapidamente. Há a possibilidade de a glicemia aumentar logo e alcançar 613 mg/dL, com ou sem glicosúria; essa hiperglicemia pode perdurar 90 a 120 min. Outra alteração da bioquímica sanguínea é a hipocalemia causada por liberação de epinefrina. As alterações no hemograma associadas à liberação de epinefrina envolvem linfocitose e neutrofilia. Além disso, a “hipertensão do jaleco branco” pode elevar a pressão arterial bem acima de 200 mmHg (os níveis normais variam entre 104,5 e 159,3 mmHg) (RODAN, 2018).

O manejo ideal para introdução do gato a manipulação e a presença de outras pessoas e gatos, se dá por meio de recompensas positivas, principalmente associadas as visitas veterinárias (por exemplo, petiscos). É sempre necessário recompensar positivamente todos os comportamentos desejáveis. Já os comportamentos indesejáveis jamais devem ser punidos seja física ou verbalmente e sim ignorados, pois os mesmos podem levar a efeitos não desejados como a agressão redirecionada. Deve-se realizar qualquer procedimento com uso de recompensas como petiscos, catinip (*Nepeta cataria*), brincadeiras, carinho no pescoço, focinho ou queixo, carícias e elogios calmos (RODAN et al., 2011).

As pessoas que manipulam o gato devem permanecer calmas, sem qualquer demonstração de medo ou ansiedade, permanecer confiante, no ritmo do gato e atento as suas respostas. É necessário entender o efeito da própria ansiedade ou estresse sob o paciente (RODAN et al., 2011).

Figura 18 Placa sinalizando sala de espera exclusiva para gatos, localizada no Hospital de Clínicas Veterinárias da UFRGS (HCV – UFRGS), no setor de medicina de felinos (MedFel).



Fonte: Própria autora.

2.6.1.1 Recepção

A área de recepção deve valorizar o paciente e demonstrar limpeza, já que é a primeira impressão do local. É essencial que seja feito um rigoroso controle de odores, qualquer cheiro de urina não é aceitável nesta área, portanto, se algum gato urinar a limpeza deve ser feita imediatamente com o uso de produtos eficazes na neutralização do odor (SCHMELTZER; NORSWORTHY, 2012).

Deve-se minimizar os tempos de espera usando compromissos agendados. Se possível, fornecer consultas durante horários mais silenciosos do dia, no caso de clínicas mistas, agendar consultas de cães e gatos em horários diferentes, bem como admissões para cirurgias. O cliente deve ser direcionado a sala de exames o mais rápido possível, evitando outros animais e barulho. Áreas mais altas devem ser reservadas para as caixas de transportes (prateleiras acima da altura de outros animais) (Figura 19) e toalhas ou cobertores sobre as caixas podem auxiliar durante o período de espera (RODAN et al., 2011).

É necessário também atender as necessidades auditivas do paciente nessa área, evitando atender telefones e falar com tom de voz alto na recepção, tornando o ambiente o mais silencioso possível. Qualquer tipo de equipamento utilizado deve possuir ruído brando, a música deve ser suave (por exemplo, clássica) e fontes de água ou tanques de peixes tornam o ambiente mais calmo (AAFP, 2010).

Figura 19 Prateleira adapta para acomodação das caixas de transporte dos gatos localizada no Hospital de Clínicas Veterinárias da UFRGS (HCV – UFRGS), na área de espera do setor de medicina de felinos (MedFel).



Fonte: Própria autora.

2.6.1.2 Salas de exames

As salas de exames devem ser eficazes no atendimento ao paciente, mas também possuir apelo ao cliente. Em casos de clínicas mistas, o ideal é que uma ou mais salas sejam exclusivas para atendimento felino, e que estas se possível não fiquem no ambiente e trajeto dos cães. O som de cães passando e farejando podem aumentar ainda mais o nível de ansiedade de um gato (SCHMELTZER; NORSWORTHY, 2012).

A bancada, tampo da mesa e pia devem estar cuidadosamente limpos quando o cliente entrar na sala. Não é aceitável a presença de pelos nas bancadas ou chão e materiais orgânicos (urina, fezes, secreção de saco anal) deverão ser completamente removidos da sala e não mantidos em lixeiras dentro do mesmo ambiente (SCHMELTZER; NORSWORTHY, 2012). Preferir mesas de exame sem reflexo e de material não gelado (como laminado) (Figura 20). Deve-se gerenciar odores limpando superfícies, lavando as mãos, removendo resíduos entre pacientes e ventilando após qualquer incidente olfativo (RODAN et al., 2011).

O primeiro passo no exame é remover o gato da caixa transportadora (Figura 21). Em muitos casos, o proprietário faz isso ou o gato sai voluntariamente (SCHMELTZER; NORSWORTHY, 2012). Deve-se permitir que o gato inicie contato (dar-lhes a sensação de

algum controle sobre o ambiente os torna menos apreensivos). A porta da caixa de transporte deve ser aberta e deve-se permitir que o gato espontaneamente saia, cheire e explore a sala, enquanto se revisa o histórico do animal com o cliente. O uso de catnip (*Nepeta Cataria*) também pode encorajar o gato a sair da caixa (AAFP, 2010). Quando o gato é resistente a deixar a caixa deve-se adotar uma tática minimamente ofensiva ao paciente. Alguns gatos sentem-se mais confortáveis quando são removidos ou persuadidos a sair pelo proprietário, em outros casos pode-se remover o topo da caixa eliminando a necessidade do gato de defender seu território (SCHMELTZER; NORSWORTHY, 2012).

A personalidade do gato deve ser avaliada e pode ser dividida em: (1) amigável, (2) apreensivo / assustado, e (3) agressivo. Gatos das primeiras duas categorias devem ser cumprimentados com uma mão estendida e não ameaçadora (Figura 22). Gatos agressivos ou frágeis devem ser manuseados com cautela. Às vezes, a sedação é necessária para prosseguir com segurança. O meio de contenção principal deve ser uma toalha de banho pesada (Figura 23) (SCHMELTZER; NORSWORTHY, 2012).

O melhor lugar para examinar o gato é onde o gato quer estar. Muitos gatos não gostam de mesas de exame porque são punidos por subir nas mesas em casa. Prateleiras ou bancos dão aos gatos boas opções para escolher aonde querem ficar. Muitos gatos preferem ser examinados no colo ou sobre um cobertor. Deve-se usar a quantidade mínima de contenção necessária. Muitos gatos gostam de ser massageados na cabeça, atrás das orelhas ou sob o queixo e esta é uma excelente ferramenta para distrair e acalmar o gato (Figura 24) (AAFP, 2010).

Muitos veterinários foram ensinados a segurar gatos apreendendo a pele de trás do pescoço (*scruffing*). “*Scruffing*” é um termo geral para uma variedade de detenções na pele do pescoço do gato. Agarrar a nuca varia de um aperto suave da pele até agarrar uma dobra maior de pele com quantidades variáveis de pressão. Os únicos comportamentos naturais da espécie relacionados a esta técnica são realizados durante as primeiras semanas de vida, onde a mãe pode levantar os filhotes pela nuca usando a boca para mobilização e transporte (não como forma de disciplina) e o macho durante o acasalamento pode agarrar a nuca da fêmea. Existem outras técnicas de manuseio mais suaves e menos estressantes ao paciente, proporcionando maior segurança e permitindo que o gato mantenha o senso de controle. O gato pode ficar imóvel, mas pode não estar confortável, ou pode tornar-se agressivo, tornando a técnica desnecessária e potencialmente dolorosa. Manejar o gato o mais suavemente possível e sem o uso de técnicas de manipulação agressivas de raiva ou frustração, geralmente faz com que cooperem melhor e se mantenham mais confortáveis (AAFP, 2010).

A pressão arterial deve ser medida em uma sala de exame silenciosa com o dono presente e tocando ou segurando o gato. Deve ser o primeiro parâmetro a ser aferido, pois outros eventos podem afetar drasticamente a pressão sanguínea, tornando a leitura não confiável (Figura 25). O uso do termômetro retal deve ser feito com lubrificação e pressão suave, pois o gato possui forte reflexo anal, preferencialmente deixando este parâmetro por último no exame físico completo, para evitar respostas agressivas (SCHMELTZER; NORSWORTHY, 2012).

Figura 20 Sala de exames adaptada as necessidades do paciente felino localizada no Hospital de Clínicas Veterinárias da UFRGS (HCV – UFRGS), no setor de medicina de felinos (MedFel).



Fonte: Própria autora.

Figura 21 Gato sendo removido da caixa de transporte de forma não traumática.



Fonte: RONDAN, 2015.

Figura 22 Abordagem do gato de forma não ameaçadora com a mão estendida.



Fonte: NORSWORTHY; SCHMELTZER, 2012

Figura 23 Contenção realizada de forma correta quando necessária, com uso de uma toalha de banho.



Fonte: RODAN, 2015.

Figura 24 Massagear ou acariciar o topo da cabeça pode ajudar a relaxar o gato enquanto se faz procedimentos.



Fonte: Própria autora

Figura 25 Pressão arterial sendo aferida antes dos demais parâmetros, com o mínimo de contenção possível.



Fonte: Própria autora

2.6.1.3 Área hospitalar

Boxes hospitalares são mais amigáveis se não forem de aço inoxidável. Os laminados são mais silenciosos, mais quentes e duráveis para os gatos (SCHMELTZER; NORSWORTHY, 2012). O box ideal deve ser grande o suficiente para acomodar a caixa transportadora do cliente e para que a caixa de areia fique longe da comida, cama e água. A gaiola deve estar no nível médio ou superior. Gaiolas lado a lado são preferíveis a gaiolas de frente uma para a outra para que os gatos não se vejam e fiquem visualmente excitados (Figura 26). Deve-se proporcionar um refúgio seguro e lugares empoleirados (Figura 27) (por exemplo, caixa de papelão resistente) e, se o gato se torna menos ansioso quando está em um local mais escuro, pode-se cobrir a frente da gaiola com uma toalha (RODAN et al., 2011).

Para não virarem facilmente, as tigelas devem ser grandes no fundo e no topo. As caixas de areia podem ser plásticas ou de papelão, as de plástico devem ser lavadas e desinfetadas a cada uso e as de papelão descartadas para que a transmissão de doenças não ocorra, assim como as caixas de papelão utilizadas para refúgio. Feromônios de marcação de território comerciais podem ser pulverizados nas caixas para maior controle do estresse (SCHMELTZER; NORSWORTHY, 2012).

Figura 26 Boxes lado a lado (para evitar que os gatos se vejam excitados) localizados no Hospital de Clínicas Veterinárias da UFRGS (HCV – UFRGS), no setor de medicina de felinos (MedFel).



Fonte: Própria autora

Figura 27 Boxes hospitalares adaptados para gatos, com refúgio e feito de material silencioso e quente localizada no Hospital de Clínicas Veterinárias da UFRGS (HCV – UFRGS), no setor de medicina de felinos (MedFel).



Fonte: Própria autora

2.6.1.4 Intervenção psicofarmacológica

Estudos recentes levaram a algumas descobertas inovadoras sobre o uso de medicamentos para o apoio da saúde comportamental. Apesar dos resultados positivos, as limitações destas intervenções devem ser levadas em consideração. Precisam ser aplicados no ambiente clínico com cautela e com total compreensão dos prós e contras potenciais do uso desses medicamentos (SINN, 2018). A maioria das informações relacionadas com medicação psicotrópica deriva da literatura médica humana, portando, quando usada em animais pode ter efeitos diferentes, efeitos colaterais distintos e outros níveis terapêuticos e tóxicos. É de responsabilidade do veterinário conhecer estes efeitos antes de prescrever qualquer medicação, por isso os medicamentos com uso permitido em gatos devem ser considerados em primeiro lugar, já que existem dados relacionados com segurança, eficácia, efeitos colaterais, contraindicações, efeitos tóxicos e farmacocinética (RODAN, 2015).

Atualmente, existem poucas opções farmacológicas seguras e eficazes para gatos. A gabapentina é um medicamento antiepilético que em administração em dose única, mostra-se seguro e atenua as reações de medo do gato durante o confinamento, o transporte e o manejo, melhorando o bem-estar felino (PANKRATZ et al., 2018). A gabapentina é um análogo estrutural do ácido g-aminobutírico (GABA), mas não altera a ligação do ácido g-aminobutírico. Acredita-se que seu efeito ansiolítico seja causado pela ligação de canais de

cálcio sensíveis à voltagem na amígdala, impedindo a liberação de glutamato e a resposta de medo associada. Níveis máximos ocorrem cerca de 100 minutos após administração em gatos e a meia-vida de eliminação média é de três horas (SINN, 2018).

O uso da gabapentina em felinos já é trabalhado por diversos clínicos em doses superiores a 20 mg/kg (50 a 100 mg por animal), duas a três horas antes do manejo, com o intuito sedativo, para facilitar a manipulação de gatos, reduzindo o medo e ansiedade (KAMINISHI; HIRANO, 2017). Efeitos colaterais associados à administração de gabapentina observados em estudos, incluem: hipersalivação, vômitos, sedação e ataxia, todos resolvido dentro de 8 horas após a administração (SINN, 2018).

A Acepromazina, um tranquilizante fenotiazínico, pode produzir paradoxal excitação e hipotensão. O diazepam, um ansiolítico benzodiazepínico, está associado ao risco de insuficiência hepática fulminante. Recentemente, a trazodona, um antagonista da serotonina e inibidor da recaptção, mostrou diminuir a ansiedade em gatos de propriedade do cliente durante o exame veterinário, mas causou sinais de sedação em gatos de laboratório (PANKRATZ et al., 2018).

2.7 Orientações ao proprietário

De todos os gatos eutanasiados em abrigos, 18% a 33% morrem por causa de problemas de comportamento. Pelo menos 28% dos gatos abandonados são por causa de problemas comportamentais. Os quatro principais problemas citados incluem: sujeira na casa, problemas entre animais de estimação, agressão em relação aos seres humanos, e comportamento destrutivo. O nível de conhecimento dos proprietários de gatos sobre comportamento típico da espécie também parece ser um fator de renúncia (STELLA; CRONEY, 2016).

Em casos que as motivações emocionais são justificadas, é provável que a otimização ambiental seja a característica mais importante da abordagem terapêutica, juntamente com a educação do proprietário e a maior compreensão da espécie e suas necessidades (HEATH, 2018). Se as primeiras visitas veterinárias forem agradáveis e não traumáticas ao filhote ou gato, provavelmente as experiências futuras no veterinário serão positivas e os clientes estarão mais dispostos a trazer o gato de volta para cuidados de saúde de rotina (AAFP, 2010).

Constantemente, os gatos são retratados como de manutenção mais fácil que cães, o que de certa maneira proporciona pouco incentivo aos tutores de gatos fornecerem um ambiente de bem-estar ao animal recém adquirido. Os cães usam brincadeiras como forma de interação social, diferentemente dos gatos que tem como motivação para a brincadeira o comportamento

predatório, durante o qual podem ser alheios a interação do proprietário. Alguns tutores creem que seu animal pode ser impulsionado por emoções como inveja e orgulho, porém, diante da compreensão atual dos biólogos sobre o cérebro felino, não são sentimentos compatíveis ao gato. Alguns proprietários ainda acreditam que seus gatos sejam incapazes de se sentirem ansiosos, e esta é a resposta emocional mais problemática nos felinos. Estes equívocos levam diretamente para o desenvolvimento de comportamentos problemáticos: os novos proprietários que receberam informações básicas sobre o que esperar de seus gatos e como administrar seu ambiente relatam muito menos problemas do que os proprietários que descobriram por si mesmos (BRADSHAW, 2018).

Deve-se encorajar o manejo positivo de filhotes para ajudar familiariza-los com pessoas diferentes e uma variedade de situações positivas (principalmente durante a segunda e a sétima semanas de vida). É importante influenciar e ensinar os tutores de gatos desde cedo sobre a exposição positiva a procedimentos de rotina como cortar unhas, pentear, manipular ouvidos, escovar os dentes e visitas veterinárias, diminuindo assim o impacto adverso de tais estímulos durante as consultas e atendimento domiciliar. Também se deve incentivar os clientes a trazerem seus gatinhos para verificação de peso, aumento da socialização e visitas divertidas, especialmente durante o primeiro ano de vida (AAFP, 2010). Pode-se ensinar o proprietário a realizar procedimentos médicos regulares em casa (por exemplo, administrar o vermífugo prescrito para prevenção de verminoses, aferir a glicemia em pacientes diabéticos, abrir a boca e entregar algo saboroso), como preparação para exames orais, coletas de sangue e administração oral de medicamentos (RODAN et al., 2011).

A castração realizada antes da puberdade pode inibir ou diminuir consideravelmente comportamentos indesejados, principalmente os comportamentos sexuais como a marcação de território em machos (e algumas fêmeas) e sinais de cio nas fêmeas. Além disso, a castração tem uma grande influência no que diz respeito especialmente ao comportamento social felino (ATKINSON, 2018). O procedimento é eficaz na redução das marcações territoriais em até metade dos casos, ocorrendo melhora do comportamento em média 15 dias após a gonadectomia, tanto em machos quanto em fêmeas. Porém, fatores ambientais e as relações sociais do animal devem ser avaliadas afim de corrigir erros de manejo, detectar estresse e ansiedade (CALIXTO; JUSTEN, 2019).

Os tutores devem ser ensinados a tornar a caixa de transporte um refúgio seguro mantendo-a em um local de fácil acesso pelo gato em casa. Um cobertor confortável ou roupas da pessoa favorita podem ser colocados na caixa, além de petiscos ou brinquedos, incentivando

o gato a entrar por conta própria. Recompensas como petiscos, comida e elogios calmos reforçam positivamente a associação do gato com a caixa. Instruir os proprietários a levarem seu gato em passeios de carro periódicos associa a entrada na caixa a experiências positivas. A viagem deve ser com o estômago vazio para evitar enjojo do movimento, e para aumentar o interesse em petiscos durante o passeio de carro e no hospital veterinário, permitindo uma experiência mais positiva. O topo da transportadora deve preferencialmente ser removível, assim gatos mais tímidos ou amedrontados podem permanecer na sua metade inferior durante o exame clínico (AAFP, 2010).

Pode-se amenizar o estresse do transporte e internação colocando objetos próprios que contenham o seu cheiro junto ao gato, como a cama ou alguma coberta que venha da casa do animal. Alguns feromônios faciais foram reproduzidos sinteticamente e são comercialmente disponíveis. Estes podem ser usados, juntamente com conselhos comportamentais apropriados, para ajudar a evitar ou tratar problemas de comportamento (ATKINSON, 2018)

3 CONCLUSÃO

A natureza do gato é extremamente distinta a dos demais animais, com o estudo histórico e detalhado da espécie pode-se compreender os diferentes comportamentos e suas implicações clínica. Problemas comportamentais apresentados aos Médicos Veterinários são causas de abandono, eutanásia e grande sofrimento psicológico de gatos e tutores. Uma grande parcela dos proprietários não possui conhecimento sobre o assunto, tornando este grupo de animais muitas vezes sem amparo médico e do próprio tutor.

Ao decorrer do atendimento clínico e internação de gatos domésticos, a qualidade de serviço e bem-estar dos animais pode ser significativamente aumentada quando aplicado um manejo respeitoso no que se refere ao comportamento e natureza animal. As instalações e os procedimentos de uma clínica ou hospital que pretende atender gatos exclusivamente ou não, deve ser voltada as necessidades individuais da espécie.

Os profissionais dedicados a esta área deverão possuir conhecimento e qualificação que permita fornecer um atendimento que reduza ao máximo o estresse do animal e tutor, incluindo não só o Médico Veterinário, como também toda a equipe envolvida no suporte do animal. É necessário evitar que o animal tenha exposição excessiva e/ou desnecessária ao estresse dentro do ambiente hospitalar.

O estudo sobre o comportamento normal dos felinos domésticos, mostra que muitas vezes o estresse pode ser facilmente associado a outras doenças. Os gatos não podem ser tratados para problemas clínicos e/ou comportamentais como “pequenos cães” ou em conjunto com cães. Torna-se um diferencial desejável ao Médico Veterinário o conhecimento sobre as peculiaridades comportamentais da espécie, favorecendo um diagnóstico correto e fortalecendo a confiança e relação com o cliente/tutor.

REFERENCIAS

AAFP. American Association of Feline Practitioners. Respectful handling of cats to prevent fear and pain. 2010. Disponível em: <https://catvets.com/public/PDFs/PositionStatements/RespectfulHandling.pdf>. Acesso em 15 de maio de 2019.

ATKINSON, T. **Practical Feline Behaviour Understanding Cat Behaviour and Improving Welfare**. Boston: Cabi, 2018.

BAIN, M.; STELOW, E. Feline Aggression Toward Family Members: A Guide for Practitioners. **Small Animal Infectious Disease**, Liverpool, v. 44, p. 581–597, 2014.

BEAVER, B. V. **Feline Behavior**. 2. ed. London: Saunders, 2003.

BRADSHAW, J. Normal feline behaviour: ... and why problem behaviours develop. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, London, v. 20, n. 5, p. 411–421, 2018.

CALIXTO, R.; JUSTEN, H. Avaliação do efeito da castração e de variáveis ambientais sobre a marcação por urina e fezes em gatos (*Felis catus*). **Acta Scientiae Veterinariae**, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 145, 2019.

CASE, L. P. **Canine and Feline Behavior and Training**. Nova York: Delmar, 2010.

DEMONTIGNY-BÉDARD, I.; FRANK, D. Developing a plan to treat behavior disorders. **Veterinary Clinics of North America - Small Animal Practice**, Liverpool, v. 48, n. 3, p. 351–365, 2018.

ELLIS, S. L. H. et al. AAFP and ISFM feline environmental needs guidelines. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, London, v. 15, n. 3, p. 219–230, 2013.

GRACE, S. F. Vibrissae. In: _____. **The Feline Patient**. 4ed. New Jersey: John Wiley & Sons, 2011.

HEATH, S. Understanding feline emotions: ... and their role in problem behaviours. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, London, v. 20, n. 5, p. 437–444, 2018.

HEATH, S.; WILSON, C. Canine and feline enrichment in the home and kennel: A guide for practitioners. **Veterinary Clinics of North America - Small Animal Practice**, Liverpool, v. 44, n. 3, p. 427–449, 2014.

HORWITZ, D. F.; RODAN, I. Behavioral awareness in the feline consultation Understanding physical and emotional health. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, London, v. 20, p. 423–436, 2018.

KAMINISHI, A. P. Z; HIRANO, L.K.L. Uso de gabapentina no controle da dor em pequenos animais: revisão de literatura. **Veterinária em Foco**, Canoas, v.14, n.2, p.28-35, 2017.

LEY, J.M; SEKSEL, K. Comportamento normal de gatos. In: LITTLE, S. E. **O Gato Medicina Interna**. 1. ed. Rio de janeiro: Guanabara Koogan, 2015. v.1, cap.10, p.182-188

PANKRATZ, K, E. et al. Use of single-dose oral gabapentin to attenuate fear responses in cage-trap confined community cats: a doubleblind, placebo-controlled field trial. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, London, v.20, p. 535-543, 2018.

PAGEAT, P.; GAULTIER, E. Current research in canine and feline pheromones. **Veterinary Clinics of North America - Small Animal Practice**, Liverpool, n. 33, p.187–211, 2003.

PAZ, J.E.G.; MACHADO, G.; COSTA, F.V.A. Fatores relacionados a problemas de comportamento em gatos. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, Rio de Janeiro, v.37, n.11, p.1336-1340, 2017.

RODAN, I. et al. AAFP and ISFM Feline-Friendly Handling Guidelines. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, London, v. 13, p. 364–375, 2011.

RODAN, I. Compreensão e manuseio amistoso dos gatos - I. In: LITTLE, S. E. **O Gato Medicina Interna**. 1. ed. Rio de janeiro: Guanabara Koogan, 2015. v.1, cap.1, p.2-18

SCHMELTZER, L. E.; NORSWORTHY, G. D. Enviromental Enrichment in the hospital. In: _____ . **Nursing the Feline Patient**. New Jersey: John Wiley & Sons, 2012.

SINN, LESLIE. Advances in behavior psychopharmacology. **eterinary Clinics of North America: Small Animal Practice**, Liverpool, v.48, n.3, p. 457-471, 2018.

STELLA, J. L.; CRONEY, C. C. Environmental aspects of domestic cat care and management : implications for cat welfare. **The Scientific World Journal**, [s. l.], v. 2016, p. 1-7, 2016.

STELow, E. Diagnosing Behavior Problems. **Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice**, Liverpool, v. 48, n. 3, p. 339-350, 2018.

VILANOVA, X. M. **Etología clínica veterinaria del perro y del gato**. 3. ed. Barcelona: Multimédica Ediciones Veterinarias, 2003.